

O paradoxo da tolerância

A tolerância entende-se como o grau de aceitação que um indivíduo apresenta em relação a outros indivíduos diferentes. Contrariamente, a intolerância entende-se como a indisponibilidade para aceitar pessoas diferentes. A tolerância é muitas vezes e erradamente confundida com outras possíveis reacções a diferença, como a fraqueza ou a indiferença. Suponhamos que uma pessoa diz “Eu penso A pelas razões B”. Enquanto uma pessoa indiferente responderia “Está bem, como queiras”, e uma pessoa fraca concordaria devido a uma qualquer relação de medo ou de dependência, uma pessoa tolerante responderia “Eu não penso como tu pensas. Eu penso C pela razão D, mas mesmo assim acho que estas no direito de dizer o que pensas”. Assim se vêem as diferenças e se possibilita uma discussão entre posições diferentes, que eventualmente resultara na procura de um qualquer ponto de acordo. Mas, se a tolerância relativamente a posições intolerantes for levada a certos extremos, com por exemplo, permitir que as posições intolerantes vençam e afastem a própria tolerância, chegamos a uma situação em que a tolerância se pode tornar no seu próprio principal inimigo. Um filósofo, chamado Karl Popper, chamou a isto o “paradoxo da tolerância”. E é talvez para evitar situações semelhantes que a Constituição Portuguesa proíbe os partidos fascistas, pois a democracia não pode permitir a existência de partidos que se chegassem ao poder, eliminavam a própria democracia. Com este exemplo podemos concluir que, embora a tolerância constitua um elemento vital para o funcionamento da sociedade, não pode ir ao ponto de deixar triunfar a intolerância.

Trabalho de: João Pratas,

Nº11, 11ºC